O DRAMÁTICO COTIDIANO

*Dominique Fernandez**

O conto não é apenas um romance breve: obedece a uma estética diferente da do romance. É um texto pequeno, mas compacto, concentrado. É necessário que algo forte seja produzido nessas poucas páginas. O romance lida com a duração; o conto, com o instantâneo. O romance avança por pequenos toques aproximativos; destila sua verdade no espírito do leitor e o impregna aos poucos com ela. O conto é rápido, não permite que o leitor recupere o fôlego. Para melhor atingir seu objetivo, o texto curto acaba freqüentemente de modo espetacular. Na França, os mestres do conto chamam-se Stendhal, Mérimée e Maupassant. Sobretudo Maupassant, cuja concisão e violência chegam à brutalidade.

E Simenon? À primeira vista, nada mais oposto ao nosso autor que a estética do golpe teatral, do soco, pois a arte dele avança à custa de lentidões insinuantes, contornos vagos, tateamentos na bruma. Seus romances são principalmente textos de atmosfera; a intriga é apenas um pretexto para criar um clima que embeba o leitor como uma droga. Não é por acaso que Simenon escolhe paisagens chuvosas, cenários afogados no nevoeiro. O sol está quase sempre ausente, a grande luz do Sul, pois o autor não deseja contornos muito nítidos. O próprio comissário Maigret é gordo, espesso,

---

* Escritor francês e membro da Academia Francesa. Possui mais de trinta obras publicadas, entre as quais *Dans la main de l'ange* (1982), que recebeu o prêmio Goncourt. (N.E.)

lento na reflexão e nos gestos. A constante preocupação que tem com seu cachimbo, a gulodice com que espera os pratos preparados pela sra. Maigret, o apego à sua pequena casa à beira do rio Loire sublinham os obstáculos que dificultam seus deslocamentos.

De que modo semelhante estética, cenários e tal personagem poderiam aparecer num conto? Simenon teria mudado de estilo, de ideal, passando do romance, gênero indolente, um pouco frouxo, ao conto, gênero cuja prioridade é a ação, o movimento, os efeitos-surpresa? Pois bem, o grande talento do autor permitiu que se mostrasse tão à vontade no texto breve quanto no longo, sem mudar em nada suas características. Não me refiro apenas aos cenários, às paisagens, ao clima: sempre os mesmos cafés lamentáveis, os quartos de hotel de terceira categoria, a luz lívida sobre os canais, a chuva nas ruas. Penso sobretudo no modo operacional de Simenon: ele não se apressa. Seu ritmo é o mesmo para contar uma história em vinte páginas ou em duzentas; os tipos humanos de que se utiliza não variam e, assim como seus romances, não dão oportunidade ao sensacional, ao espetacular.

Em "Rue Pigalle": um café barato, às nove horas da manhã. "O cliente de passagem sem dúvida se perguntaria quem era aquele senhor gordo de sobretudo pesado que fumava cachimbo, de costas para a estufa, aquecendo na mão um copo de bebida, e, com certeza, não teria pensado no comissário Maigret, da Polícia Judiciária."

O célebre Maigret! Simenon faz tudo para apagar a originalidade do personagem, para reduzi-lo a um bonachão qualquer, embora o comissário tenha apenas algumas páginas, isto é, pouco tempo para resolver o enigma que o conduziu em boa hora ao local.

E os criminosos? Eles também são os tipos mais comuns possíveis. "Vendo-a, frágil e apaixonada, era de se imaginar que semelhante amor fosse inspirado por um Voivin belo e romântico. Mas esta era uma das coisas perturbadoras daquela história: o agente comercial em questão era um sujeito tão comum que era preciso fazer força para lembrar de seu rosto. Sua própria profissão não tinha poesia." Como se está longe dos assassinos heróicos criados por Stendhal em suas *Crônicas italianas*! Simenon recusa justamente o heroísmo. Aquele que chega ao assassinato não tem mais riqueza

interior que o pequeno funcionário que vai todos os dias para o escritório. Um crime é apenas "uma história banal de gente sem importância", transmite-nos o escritor tanto em "O caso do Boulevard Beaumarchais" quanto nos outros episódios cotidianos relatados.

"Maigret suspirou. Ele teria dado tudo para ver o amor de Nicole dirigido a outro, pouco importava a quem, mas não àquele homem medíocre em tudo, até em seu desespero." Assim como Stendhal e Mérimée, Jean Genet encontra brilho nos assassinos. Simenon, ao contrário, empenha-se em destruir esse mito do criminoso fulgurante. Para ele, o indivíduo que mata não passa de um fracassado. Reconheçamos que com isso ele se priva do principal recurso utilizado por seus antecessores. O leitor de contos espera que a brevidade do texto seja compensada, de algum modo, pela descoberta de um personagem que o faça estremecer de surpresa, de medo, de prazer. Não há nada disso em nosso autor, que se encastela deliberadamente no banal e mergulha os pés no comum.

Observemos que "O caso do Boulevard Beaumarchais" é o primeiro conto escrito pelo criador de Maigret. Podemos dizer que o texto vale como um manifesto, indicando em estado puro as intenções do autor. Seus melhores contos são anteriores à Segunda Guerra Mundial. Os textos mais tardios traem a crescente dificuldade de Simenon em manter o leitor em suspense sem recorrer ao espetacular.

A própria estratégia de Maigret baseia-se numa ausência de "efeitos especiais", como se diria no cinema. Por menor que seja o tempo para realizar sua investigação, o comissário não se apressa. "Pesado e lento, Maigret dava uma impressão de imobilidade mesmo quando percorria a casa. Ali permanecia como uma esponja, impregnando-se lentamente de tudo o que se destilava à sua volta." ("O cachimbo de Maigret"). Aqui se pensa em Proust, cujo olhar, segundo testemunhas próximas, apropriava-se dos objetos para captar o mistério deles. "Seus olhos admiráveis", conta Ramon Fernandez, "colavam-se materialmente aos móveis, às tapeçarias, aos bibelôs; ele parecia aspirar por todos os poros a realidade total contida no quarto, no instante, em mim mesmo; e o êxtase que seu rosto expressava era o do médium que recebe as mensagens invisíveis das coisas." (Em "Hommage à Marcel Proust", *Nouvelle Revue Française*, 1º de janeiro de 1923.)

Por esse trecho, vê-se imediatamente como Simenon distingue-se de Proust. Os olhos de Maigret não são "admiráveis" e sim enfurnados na gordura de um *bon-vivant* que aprecia mais que tudo um assado feito por sua mulher. Com Proust, ele tem em comum a faculdade de "aspirar" a realidade do cenário onde realiza a investigação; esse modo de proceder é a marca de seu gênio policial, mas a analogia entre os dois escritores cessa aqui. Maigret não procura "o êxtase", e sim a verdade de um fato; e o que o atrai não é o reverso "invisível" das coisas, mas exatamente o contrário. Para Maigret, o invisível é alguma coisa que ainda não se mostrou e que ele, comissário da Polícia Judiciária, empenha-se em descobrir, em desvendar. Para absorver completamente a realidade em torno de si, muitas vezes se instala algum tempo na família na qual há um mistério a desvendar ("Ameaças de morte", "O notário de Châteauneuf") ou espera, emboscado num canto, que a verdade se revele.

Assim, seu método é lento, pesado. O comissário frisa com freqüência que não tem idéias preconcebidas, que não pensa nada de um crime antes de se ter impregnado da atmosfera local onde aquele foi cometido. Chamado a investigar um caso no meio de barqueiros e encarregados das eclusas ("A barcaça dos dois enforcados"), Maigret hesita, contemporiza, recolhe a hipótese mais provável mesmo sem estar convencido. "Era possível, evidentemente... Tudo era possível... Só que Maigret queria – como dizer? – ... queria poder 'pensar barcaça', isto é, pensar como aquelas pessoas." "Pensar barcaça" é admirável, é melhor que Proust, que só entrava na psicologia das pessoas de seu meio, de sua sociedade, de sua cultura. Simenon teve êxito em "pensar" a humanidade inteira segundo as profissões, os hábitos de cada um. Ele "pensa trem" em "Jeumont, 51 minutos de parada", "pensa mercearia-armarinho de aldeia" em "As lágrimas de cera", "pensa caminhão de noite" em "O Albergue dos Afogados", "pensa coleção de marfins" em "O notário de Châteauneuf", e assim por diante. E todas as vezes com uma capacidade fenomenal de se identificar com seus personagens e também com a atmosfera e os objetos que os rodeiam.

E sempre sem elevar o tom, evitando as fórmulas excessivamente surpreendentes. São muito raras as intervenções pessoais do autor, como a que define a canalhice de Oscar Grosbois, em "Ameaças

de morte". O fraudulento comerciante de ferro-velho estende um charuto a Maigret. "Para ele, oferecer um charuto não era quase como comprar uma consciência?" Eis uma frase que não faz parte do discurso de Simenon. O "quase" trai sua hesitação em assumir um tom grandiloqüente. Há ali uma fórmula ao modo Balzac que se destaca do estilo voluntariamente cinzento. Aliás, o conto inteiro, o retrato de uma família francesa recheada de ódios fervilhantes, é um pouco estrangeiro ao mundo de Simenon, pertencendo mais ao universo de François Mauriac.

O verdadeiro Simenon foge ao singular, ao excesso, aos dramas abruptos, às situações tensas demais. O que interessa ao escritor é o homem oco, o homem em estado bruto, o homem no grau zero. O conto mais revelador dessa questão é "O homem na rua", a começar pelo título: o homem, um ser anônimo, de identidade fluida, e a rua, igualmente sem nome, o cenário mais banal possível. O protagonista (chamá-lo de "herói" seria um clichê, já que em Simenon não há heróis, apenas anti-heróis) é um habitante do 16º arrondissement, vestido com apuro: sobretudo cinzento, terno bem-cortado, feltro mole. Envolvido num caso criminal, ele evita voltar para casa quando nota que Maigret o segue. E a cada dia perde um pouco da bela aparência: sua fisionomia piora, a barba desponta, as roupas ficam amassadas, já que dorme onde pode e negligencia os cuidados consigo mesmo. Maigret espera pacientemente, pois imagina que, quando o homem estiver com os nervos em frangalhos ou esgotar todos os recursos, voltará à sua casa, onde deve estar o nó da questão. "Aquela era uma experiência que Maigret ainda não tivera a oportunidade de levar até o fim: quanto tempo um homem bem-educado, bem-cuidado, bem-vestido leva para perder o seu verniz exterior quando é deixado na rua?"

Essa experiência apaixona tanto o comissário quanto o leitor de Simenon. Arranhar o verniz social, rastrear a verdade de uma pessoa depois de ela estar despida das aparências enganadoras é típico de nosso autor. Reduzido a si mesmo, o homem da rua afasta-se cada vez mais do meio em que vive, de seus hábitos, de suas facilidades; e, ao fazer isso, reaproxima-se cada vez mais do que está no fundo de si mesmo, a miséria original, a lama que modela a humanidade.

Esse conto, um dos mais curtos da coletânea, é ao mesmo tempo um dos que vão mais fundo nas coisas. Há nele material para um longo romance: o tema da degradação, da erosão interior domina a literatura francesa desde *A educação sentimental.* O milagre, com Simenon, é que em apenas algumas páginas ele consegue despojar a pessoa de tudo o que não seja ela mesma e reencontrar sua essência primeira, seu vazio primeiro, esse não-ser que é o lote de todos depois de raspadas as superestruturas com que cada um se esforça para iludir os outros. O milagre desses contos também reside no fato que, a partir de dados banais, com um personagem qualquer, abre-se diante de nós o mistério, o abismo da condição humana. É como se a chuva, o nevoeiro, o frio, as esperas ao amanhecer sob um pórtico, assim como as paradas nos terraços dos cafés, servissem apenas de estojo para valorizar o que Simenon chama de "o dramático cotidiano": o que nasce não do choque de personalidades ímpares, e sim do atrito sem glória entre os seres mais comuns.

A REALIDADE VINGADA PELA FICÇÃO

*Pierre Assouline**

É preciso ir até o final de uma obra. Quando se pensa que foram necessários dez volumes para se descobrir que os Maigret representam apenas uma parte da obra de Georges Simenon... É verdade que os dois grupos de textos, os "romances do destino" (não se ousa mais dizer "romances duros" com medo de que, em relação a eles, os outros pareçam moles) e os "romances de Maigret", têm cada qual a sua reputação; o autor é o principal responsável por isso, já que qualificava seus Maigret como um descanso e uma distração entre dois esforços.

Entretanto, esses textos curtos de literatura policial não são um subproduto da grande obra. As investigações obedecem à mesma lógica de construção herdada do teatro grego (crise, passado, drama, desfecho). As intrigas são críveis e a escrita, bem-torneada. A economia só se faz sentir na distribuição, como se diz no cinema, ou melhor, no teatro, pois a brevidade da narrativa sugere o espaço fechado. Algumas histórias são complexas em seu desenlace diabólico, enquanto outras se mostram de uma simplicidade espantosa. Melhores que verdadeiras, são verossímeis, o que deixa um grande espaço para a imaginação.

---

* Escritor e um dos principais jornalistas literários da França, autor de diversas biografias, entre as quais *Cartier-Bresson: o olhar do século*, e do romance *Vida dupla*. (N.E.)

Somos freqüentemente confrontados com três personagens medíocres em busca de vôo. O trio infernal marido-mulher-amante revisitado. Quase esquecemos o quarto personagem pela simples razão de que o comissário Maigret, todo silêncio, observação e invisibilidade, somos nós, o leitor. Variante magnífica: o financista fraudulento de "A janela aberta", "suicidado" por seu colaborador que não suportava mais ser humilhado e dominado por aquele que fora seu subordinado durante a guerra.

É raro que o nome de Simenon seja espontaneamente citado em homenagens aos mestres do conto da língua francesa; sua presença nessa categoria entre Maupassant e Morand pode espantar. É verdade que ele não pretendia tornar-se ilustre no gênero; era-lhe suficiente reinar no seu. O que surpreende, já que um homem de sua voltagem deveria ser atraído pela rapidez, pela concisão e pela necessidade do narrador de usar um ritmo rápido; no entanto, é possível que o conto lembre-lhe a época das tarefas mercenárias, quando Simenon era o fornecedor titular por atacado, semi-atacado e varejo da maioria dos jornais parisienses. Um conto equivale a um capítulo de romance. Na realidade, o autor encontrou seu próprio tamanho tanto para a categoria policial quanto para a literária e sabia que o conservaria até o fim. O que é o início da sabedoria para qualquer um, seja romancista, seja atleta.

Isso não diminui o lugar que esses contos têm na obra de Simenon, assim como as investigações de Maigret têm o seu ao lado dos romances do destino. O todo forma um bloco compacto e coerente cuja unidade se impõe pelo fio invisível que os liga. O sociólogo que quisesse debruçar-se sobre a parte escondida da França profunda entre as duas guerras deveria começar por esses textos. Neles jaz o mito da boa província, um concentrado de ilusões sobre os valores indestrutíveis e imanentes da velha Europa já ameaçada pelo reino do progresso, da máquina e da técnica.

Vinte e oito contos escritos antes da guerra no Boulevard Richard-Wallace, em Neuilly, quando Simenon brincava de novo-rico em sua querida cidade de La Rochelle, onde uma argola chumbada para ele entre duas pedras da Place d'Armes esperava seu cavalo, ou em Nieul-sur-Mer (Vendéia). Fora alguns concebidos em

Saint-Andrews ou Sainte-Marguerite-du-Lac-Masson (Canadá), no hotel de Cambrai, Rue de Turenne (Paris) ou em Carmel (Califórnia) no fim dos anos 40. Sua escrita não fluía com facilidade. Não que ela o desgostasse. No entanto, quatro anos antes o autor abandonara seu personagem recorrente, aposentando-o. Nesse meio-tempo, houve algumas recaídas, já que *Paris-Soir* ofereceu-lhe uma soma irrecusável pelo fornecimento de uma dúzia de investigações. Simenon cedeu à proposta uma segunda vez, justificando-se aos olhos dos outros com o argumento de que eram "apenas" contos.

Assim como a ele, a eternidade congela Jules Maigret. Este é plebeu, estável, instintivo, apolítico, desconfiado, rotineiro, casto, neutro, tranqüilizador, comilão, beberrão, fumador de cachimbo, ríspido, discreto, sedentário, pouco maleável. Homem de rituais com um físico pesado. Sente-se naturalmente mais próximo dos humildes que dos burgueses. Dotado de uma empatia excepcional, esfrega a cabeça ao contrário dos fios de cabelo e não sabe dirigir. Confia muito mais em sua intuição do que em sua capacidade intelectual. Diz freqüentemente "Não acho nada de antemão" ou "Absolutamente nada". É o mesmo Maigret em quinze páginas ou em 150.

A importância da investigação é indiferente: breve ou longa, ela sai igualmente do cérebro de um romancista de faro.

Desde a publicação de *O Locatário* (1934), na mesma editora que Proust, Simenon estava estabelecido como escritor. Era um autor com o carimbo Nrf, etiqueta mágica que o abrigou graças ao entusiasmo de Gide e ao apoio de Gaston Gallimard. Ele abandonara os hábitos populares de autor de sucesso e fabricante de romances policiais pelo status de grande romancista. Não correspondendo verdadeiramente à nova posição literária do escritor, o comissário pagou o pato. Simenon examinara até o fim a questão, que abarcava tanto o personagem quanto o romance policial. Entretanto, acabou por retomá-los: não porque lhe fizessem falta, mas, segundo suas próprias palavras, para pôr comida no prato.

Como se morre nesses contos? Por enforcamento, digitalina num sachê de bicarbonato de sódio, suicídios falsos ou verdadeiros, perfuração do intestino por filamentos de centeio escondidos num

doce. Ou ainda por uma agulha introduzida no coração, envenenamento, ataque cardíaco, acidente na estrada seguido de afogamento, bala de revólver na cabeça, Browning 6.35, soníferos, golpes de martelo, carabina de ar comprimido, facadas e até por um "instrumento contundente" sobre o qual o narrador de "Pena de morte" faz certo mistério.

Sabe-se que Simenon sempre precisou de anos de decantação para fazer ressurgir em seus textos, por um detalhe, um cheiro, uma cor ou uma imagem, o mundo conservado por ele. Assim, vários contos tiveram como cenário o bairro do Marais, a Place des Vosges, onde ele morou ao chegar a Paris, e a Rue de Birague. Além de Paris, incontestavelmente a cidade mais simenoniana de sua obra, ainda que a topografia de Liège secretamente a influencie, encontramos Cannes em seu Hotel Excelsior, assim como a província da qual o autor é o grande antropólogo, juntamente com François Mauriac: Caen, Corbeil, Jeumont na fronteira belga, a floresta de Orléans, Nemours, Dieppe, Châteauneuf, Juvisy, o Grande-Café de Meung-sur-Loire, o albergue Pont-du-Grau na Vendéia e outros locais propícios à aposentadoria bem-merecida de um leal funcionário da Polícia Judiciária.

Todos esses contos são lidos com variáveis graus de prazer ou surpresa, mas nem todos são igualmente inesquecíveis. Alguns se destacam, como, por exemplo, "Maigret e o inspetor Malgracieux": em parte porque terá a invejável tiragem de 88 mil exemplares, em parte porque a irreflexão de um linotipista o transformará, na primeira edição, em "Maigret e o inspetor de má sorte" [*malchanceux*]... Um destino literário ou extraliterário retirou alguns do lote, como "O testemunho do coroinha" (1947). É verdade que Henri Verneuil filmou-o com o título de *Brelan d'as,* entusiasmando Simenon sobretudo pela presença de Michel Simon no papel principal: "É ele! É ele! Maigret deve impressionar por sua estatura, como ele. Em algum trecho, digo que ele incha para bancar o bicho-papão. É isso!"

Esse conto, escrito em 1946 no mais profundo exílio canadense, diferencia-se dos outros por mais um motivo: o pequeno Justin, de doze anos, que ajuda na missa das seis todas as manhãs na capela do hospital perto de casa, é ele mesmo, o pequeno Georges de Liège, que saía muito cedo da casa da família na Rue de la Loi,

nº 53, e falava alto para ter coragem de atravessar o bairro deserto d'Outremeuse até o hospital de Bavière; atormentado pela angústia de chegar atrasado, devorado pela inquietação espiritual, obcecado pela fidelidade ao rito, é bem ele, Simenon. Porém, a bicicleta que tanto desejava para ajudá-lo nessas auroras difíceis nunca lhe foi dada por seus pais. Ele a receberá do comissário Maigret em agradecimento a seu testemunho sobre o assassinato da Rue Sainte-Catherine. A realidade vingada pela ficção: quem poderá dizer onde se situa a verdade?

UMA INICIAÇÃO SIMENONIANA

*Denis Tillinac**

Com esses 28 contos, Georges Simenon convida-nos a viajar pelos espaços de seu imaginário de escritor, lugares bastante concretos palmilhados por ele entre sua chegada a Paris (início dos anos 20) e sua ida para os Estados Unidos (depois da Liberação da França). Entretanto, se Simenon era um viajante freqüente cujos textos levam-nos à África, ao Panamá ou ao Taiti, Maigret conservou a alma sedentária de suas raízes camponesas. Daí a geografia relativamente limitada de suas peregrinações, com um ponto fixo: sua sala enfumaçada no Quai des Orfèvres. Sentimos uma espécie de bem-estar ao reencontramos o inspetor Lucas, o contínuo Joseph, o aquecedor que o comissário atiça, as barcaças que vê passar sob a Pont Saint-Michel enquanto espera os sanduíches e a cerveja da Brasserie Dauphine. Deleitamo-nos também em reencontrar o grande relógio da Gare du Nord, onde Simenon, aos dezenove anos, descobriu Paris com uma mistura de avidez e angústia. A Paris cinzenta, sob a chuva, a Rue de Maubeuge e a seguir a Rue des Dames, a primeira escala do autor num alojamento mobiliado a preço fixo. Conforto moderno, pagamento adiantado. Evidentemente não são poucas as investigações que ocorrem nos arredores de Montmartre, lado sul (Pigalle) ou norte (Rue Caulaincourt na altura da Place Constantin-Pecqueur). Já abordei tais lugares no rastro de Simenon

* Jornalista e escritor francês, autor de várias obras, entre as quais *Coisas de família.* (N.E.)

e, quando volto a eles, sempre espero passar pelo comissário na penumbra das ruas que sobem a Butte. É a magia desse escritor que em poucas frases de uma sobriedade calculada instaura uma atmosfera: no passado, freqüentei bares de *entraîneuses** para viver um pouco em Simenon, como outros vivem em religião. Foi também na companhia dele que rodei com freqüência pelos Grands Boulevards, antes de imaginar o apartamento de Maigret no Boulevard Richard-Lenoir. Moraria ele perto da Rue Popincourt? Talvez perto da Rue Amelot ou da Rue du Chemin-Vert, não longe do Boulevard Beaumarchais, já que Simenon e sua primeira mulher viveram na Place des Vosges e ele conhecia bem o bairro da Bastilha. Nada de burgueses boêmios na época; povão, mendigos e pequenos bistrôs onde era possível apoiar-se no balcão de zinco para "enxugar" um vinho branco (sempre "regional"). E nos arredores da Rue Saint-Antoine, onde pululavam os hotéis pulguentos entre duas lojinhas de artesãos, fervilhava uma fauna ilegal mais ou menos polonesa. Tais lugares, por mais que se tenham aburguesado, conservaram sua alma plebéia. Ao reler esses contos, sinto vontade de voltar lá pela enésima vez. Que felicidade, nesse mundo onde tudo muda, ter esse companheiro de passeio terno e resmungão, que eterniza os anos 20, 30 e 40 sem de modo nenhum congelá-los. Maigret aposenta-se em Meung-sur-Loire, local importante da cavalgada de Joana d'Arc e do primeiro episódio de *Os três mosqueteiros* de Dumas. Imaginei identificar no local o antigo presbitério onde o ex-comissário se dedica à jardinagem e até o café onde ele "bate o ponto" com os comerciantes de vinho local. Tudo mudou. Maigret talvez se sentisse deslocado. Eu não. Esse vale do Loire ainda é uma reminiscência do tempo em que Simenon sulcava a França dos rios e canais a bordo de sua barcaça, com sua esposa, sua amante, seus cachimbos e o cachorro. Num dos contos, ele coloca Maigret como nascido à margem do Loire; mais tarde o enraíza no Bourbonnais, em Paray-le-Frésil, onde ficava o castelo do marquês de Tracy, seu antigo patrão. O escritor navegava também através do Sena, pelas bandas de Morsang, deslocando-se entre Nemours e a floresta de Orléans. O universo dos trabalhadores das eclusas e das tascas lhe

* Profissionais que entretêm os clientes de um local. (N.T.)

era tão familiar quanto o dos pequenos nobres decadentes ou o dos grandes burgueses arruinados. Maigret segue passo a passo as perambulações do romancista, sempre com um deslocamento no tempo. Ele reata com a infância de Simenon descrevendo o bairro de uma cidade de província que muito se assemelha a Outre-Meuse, de Liège. O coroinha que vai servir na missa às horas lívidas da manhã era Simenon, e é Maigret, que acabam misturando-se. Assim, um périplo por Bruxelas não surpreende, e as investigações em Dieppe, depois nos arredores de Caen e finalmente na Vendéia refletem o momento da vida do escritor (anos 30), quando percorria a Mancha de barco e depois o Atlântico antes de se fixar perto de La Rochelle. Anteriormente, Simenon morara por pouco tempo em Neuilly, perto do Bois de Boulogne: ele sabe descrever os novos ricos, que pinta com menos compaixão do que os destituídos, os vagabundos ou as putas. O autor gosta de gente, sobretudo dos pobres, e tem indulgências plenárias pelos fracassados. Só detesta os perversos e as putas fundamentalmente venais. Estes têm direito a um murro ou a uma bofetada, que é a sua maneira de reagir no auge da exasperação. Todos os locais que desfilam por esses contos são usados longamente nos romances, aqueles em que Maigret é o herói e nos outros. Eu me lembro de procurá-lo em Cannes e depois reencontrá-lo em Jeumont, onde o trem de Varsóvia (que pára em Liège) atravessa a fronteira. Também tomei o trem, para "sentir" como Maigret aquele ambiente tão particular, com os seres flutuantes e inquietos que vêm de um Leste problemático. Margeei os cais do Sena até Bercy, que não é mais um local simenoniano. Cheguei até mesmo a procurar nos arredores da Place d'Italie os árabes que naquele tempo se esfaqueavam em todas as narrativas do autor. Que tempo? O de Proust, um passado tão composto, tão recomposto pela memória que para mim metamorfoseou-se num eterno presente. Maigret, meu semelhante, meu irmão, tão humilde e no entanto invulnerável, não tem idade. Sua geografia também não. É uma lanterna mágica que ilumina com uma crueza ao mesmo tempo impiedosa e benévola uma humanidade que não mudou tanto assim. Ele nos leva aos teatros da tragédia, mas sempre alegrando nossa sensualidade com um raio de sol, uma lufada de vento, a fuga de uma nuvem, o fumegar de um bom prato ou o sorriso de um

bom sujeito. Se a vida não é simples, tem sempre sabor. Eis-me sob a abóbada do Quai des Orfèvres, com um camarada que se parece com Lucas. Fazemos sinal para um táxi na Place Saint-Michel. Ele atravessa Montmartre onde os castanheiros estão floridos, passa pela Gare du Nord, chega à Place Clichy e deixa-nos na esquina da Rue Caulaincourt com a Avenue Junot. Então recomeça a iniciação simenoniana nos mistérios da Butte. Um bar de freqüentadores habituais, uma criada suja e desiludida, um rufiãozinho sentado ante sua cerveja: chegamos. Degusto esses contos como fatias de minha própria vida, com esse toque de melancolia que de longe em longe afoga o coração de Maigret, porque decididamente os recursos do ser humano são sempre pueris. Mais vale sorrir deles. Por pudor, Maigret limita-se a resmungar, enquanto sua mulher atarefa-se na cozinha. E como tantas vezes, quando releio Simenon, tenho vontade de estar sentado à mesa deles.